

# CONTEMPORANEIDADE URBANA E VIOLÊNCIA ENDOCOLONIAL: REFLEXÕES EM TORNO DE *PASSAGEIRO DO FIM DO DIA*, DE RUBENS FIGUEIREDO

Luca FAZZINI\*

- **RESUMO:** De acordo com as reflexões de David Harvey (2014) e de Loïc Wacquant (2001), a violência configura-se como elemento fulcral para investigar a organização espacial e geográfica das metrópoles contemporâneas. Tal violência, intrínseca ao desenvolvimento capitalista sobre o qual assenta a expansão urbana, estaria vinculada ao passado de cada contexto específico, evidenciando a persistência dos paradigmas excludentes que marcaram a época colonial e escravista. Nessa perspectiva, a partir de uma leitura analítica do romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, e através de uma abordagem crítica pós-colonial (HALL, 2009), o presente artigo propõe uma discussão em torno da natureza endocolonial da violência urbana na contemporaneidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Estudos pós-coloniais. Violência urbana. Literatura brasileira. Rio de Janeiro.

## Persistências coloniais e escravistas na metrópole neoliberal

Refletir acerca das metrópoles contemporâneas significa debruçar-se sobre uma realidade espacial na qual desenvolvimento econômico e violência coexistem, articulando-se e moldando a organização do espaço urbano. De acordo com as reflexões do geógrafo inglês David Harvey (2003, 2014), as metrópoles contemporâneas estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento do capitalismo, ao mesmo tempo em que reproduzem, no seu interior, as dinâmicas e as hierarquias que marcaram a modernidade ocidental: “o capitalismo precisa da urbanização para absorver o excedente de produção que nunca cessa de produzir. Dessa maneira,

---

\* Bolsista de Pós-Doutorado FAPESP. Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo – SP – Brasil. [Fazzini@usp.br](mailto:Fazzini@usp.br).

surge uma ligação íntima entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização.” (HARVEY, 2014, p. 30).

Um exemplo dessa íntima relação seria, segundo o geógrafo, a série de reformas que, na metade do século XIX, “modernizaram” a cidade de Paris – reformas desenvolvidas pelo urbanista Georges-Eugène Haussmann, convidado pelo imperador Napoleão III. Através de tais reformas, atuou-se uma mudança não apenas na geografia da capital francesa, mas também no próprio estilo de vida urbano. Com os novos cafês, as grandes exposições, o *boom* das enormes lojas ligadas à mais importante indústria da moda, Paris tornou-se o maior centro de turismo e lazer da época, permitindo, graças a um consumo até então inusual, absorver uma enorme parte dos excedentes de produção. Esta operação, portanto, coloca-se como central para as dinâmicas do capitalismo. No entanto, enquanto a nova capital do velho continente atraía a elite financeira e artistas provenientes de todo o mundo, a classe trabalhadora ficava completamente excluída, presa aos sempre crescentes ritmos de produção (HARVEY, 2003).

Como no caso de Paris durante a segunda metade do século XIX, a chamada “cidade neoliberal” (THEODORE; PECK; BRENNER, 2011) também aposta numa mudança radical do estilo de vida:

Como em todas as fases anteriores, essa expansão muito recente e radical do processo urbano trouxe consigo incríveis transformações no estilo de vida. A qualidade da vida urbana tornou-se uma mercadoria para os que têm dinheiro, como aconteceu com a própria cidade em um mundo no qual o consumismo, o turismo, as atividades culturais baseadas no conhecimento, assim como o eterno recurso à economia do espetáculo, tornaram-se aspectos fundamentais da economia política urbana [...]. A tendência pós-moderna a estimular a formação de nichos de mercado, tanto nas escolhas de estilos de vida urbanos quanto de hábitos de consumo e formas culturais, envolve a experiência urbana contemporânea em uma aura de liberdade de escolha no mercado, desde que você tenha dinheiro e possa se proteger da privatização e da redistribuição da riqueza por meio da florescente atividade criminoso e das práticas fraudulentas e predatórias (cuja escalada é onipresente). (HARVEY, 2014, p. 46).

Ao lado desse impulsionar de estilos de vida sempre mais voltados para as dinâmicas do consumo, há também uma complexa reconfiguração do espaço urbano que, acompanhando os fluxos do capital financeiro nas formas da especulação imobiliária, acaba fragmentando tanto o espaço metropolitano como os indivíduos que nele residem. A classe trabalhadora do século XIX e da primeira metade do século XX é substituída, no último degrau da pirâmide social, pelo trabalhador “precário” ou informal, como consequência da polarização da riqueza em determinadas áreas e do lento abandono de outras. Bairros inteiros ficam esquecidos seja pelo mercado,

que não vislumbra neles possibilidade de lucro e que, aliás, serve-se da proliferação da pobreza para baixar os custos da mão de obra, seja pelo Estado que, por sua vez, vê-se constantemente empobrecido pelas privatizações contínuas dos recursos e dos espaços públicos.

Em *Os condenados da cidade* (2001), título que remete explicitamente ao célebre ensaio de Frantz Fanon (1968), Loïc Wacquant analisa os processos que transformaram os centros das cidades norte-americanas em guetos negros, assim como as periferias das cidades francesas, dedicando atenção particular para os casos de Chicago e de Paris. Em ambos os contextos, está-se perante situações de imobilidade social em que os paradigmas de uma sociedade classista e racista interligam-se e combinam-se às necessidades do capital financeiro:

Em âmbito local, uma coalizão de empresas, bancos e interesses comerciais usou a crise fiscal das cidades para forçar o desmantelamento dos programas sociais que sustentavam os moradores do gueto e seus vizinhos. A ela se juntaram planejadores urbanos que viam na redução dos serviços municipais um meio eficiente de obrigar os pobres a sair das áreas designadas para revitalização. O resultado foi o que o historiador Robert Fisher chamou de encolhimento planejado ou «triagem» dos bairros de zonas centrais: o corte seletivo de serviços públicos como escolas, bibliotecas, clínicas, delegacias de polícia e postos de bombeiros, destinado não só a pressionar os pobres a deixar o Centro da cidade como a libertar recursos para novos projetos de desenvolvimentos, voltados para empresas de classe média, em outros bairros. (WACQUANT, 2001, p. 80)

Vistas a partir da perspectiva racial, existem convergências evidentes entre as práticas de segregação e de construção da subalternidade características da cidade colonial<sup>1</sup> e a perpetuação da pobreza em determinados grupos populacionais que acontece de forma recorrente na “cidade neoliberal”. Loïc Wacquant evidencia vários fatores tanto no âmbito ocupacional – como, por exemplo, a redução de categorias ocupacionais historicamente mais acessíveis à população negra e pobre, a distribuição espacial dos empregos e a falta de rede de transportes públicos adequados, até o estigma associado ao fato de morar no gueto – quanto no âmbito das políticas de habitação e dos cortes na despesa pública, que afetam hospitais, escolas e universidades situadas nas chamadas “áreas de risco”, condenando a população que aí reside a uma taxa de escolaridade menor e de mortalidade maior em relação à classe média.

---

<sup>1</sup> Sobre a cidade colonial, veja-se os estudos reunidos na primeira parte de *Cidade e império: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (2013), volume organizado por Nuno Domingos e Elsa Peralta.

Estar-se-ia perante uma das características mais explícitas daquilo que Éric Alliez e Maurizio Lazzarato, em *Guerres et capital* (2016), chamam de violência endocolonial: a luta contra as minorias e a perpetuação da subalternização através de uma conjuntura de iniciativas e processos legais operados por meio de parcerias, direta ou indiretamente planejadas, entre o poder público e o empreendedorismo privado. Em muitos casos, as vítimas de hoje pertencem àqueles grupos sociais historicamente às margens do capitalismo: os afrodescendentes cujos antepassados foram escravizados ou os imigrantes oriundos de contextos economicamente precários.

Entender a violência urbana contemporânea na sua natureza endocolonial implica, de um lado, questionar a antiga dicotomia metrópole/colônia à luz das reconfigurações e fragmentações dos centros e das periferias do poder na época global, enquanto, por outro lado, significa também sublinhar as continuidades e as persistências das relações racializadas de hegemonia e subalternidade estabelecidas durante a modernidade colonial. O “deslocamento do eixo colonizador/colonizado ao ponto de sua internalização na própria sociedade descolonizada” (HALL, 2009, p. 120) é, para Stuart Hall, uma das características das reconfigurações do poder na atualidade, assim como a emergência – ou o seu consolidar-se, dependendo da área geográficas –, nos contextos outrora colônia, de poderosas elites locais. Nesse sentido, o falar de violência endocolonial na contemporaneidade implica o gesto crítico “pós-colonial”, de acordo com o alcance teórico dado ao termo por Stuart Hall no seu ensaio “Quando foi o pós-colonial. Pensar o Limite” (2009), de romper tanto com as demarcações claras (antes/agora, aqui/lá, entre outras) sobre as quais assentaram as narrativas do imperialismo eurocêntrico quanto com as “periodizações baseadas em «estágios» epocais, em que tudo é revertido ao mesmo tempo, todas as antigas relações desaparecem definitivamente e outras, inteiramente novas, vêm substituí-las” (HALL, 2009, p. 120). Ao contrário, ler a violência no seu caráter endocolonial significa justamente pensar a temporalidade em termos de continuidade, e o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo na sua declinação urbana em termos de perpetuação das relações desiguais de hegemonia e subalternidade.

A violência, intrínseca à própria metrópole contemporânea, seja para David Harvey, seja para Loïc Wacquant, impõe-se, portanto, como uma constante na vivência das cidades e na própria organização do espaço urbano, aparecendo nas dinâmicas predatórias típicas do neoliberalismo e na segregação de determinados grupos populacionais, em continuidade com a fragmentação do espaço e a exploração dos corpos que marcaram as relações de poder no interior da cidade colonial.

No entanto, se é verdade que “a violência é necessária para construir o novo mundo urbano sobre os escombros do antigo” (HARVEY, 2014, p. 50), por outro lado a violência é também uma resposta impulsiva a tais mecanismos do poder,

que se dão nas formas de criminalidade urbana, mas também como explosões de revoltas pontuais que, em chamadas de raivas, incendiam os guetos americanos, as *banlieue* francesas ou as linhas de ônibus nas periferias brasileiras, entre outros exemplos possíveis. Conformações de violências que traduzem de maneira explícita, às vezes gritante, as dinâmicas que constituem a atuação do poder nas metrópoles contemporâneas, ou de acordo com Vladimir Safatle, “violência que sintetiza unidades através da destruição de tudo o que não se deixa configurar em fluxo codificado pela forma mercadoria” (2016, p. 135).

### **Conflitos endocoloniais na cidade contemporânea: Rio de Janeiro em Rubens Figueiredo**

A partir dessas reflexões sobre a violência na chamada “cidade neoliberal” enquanto persistência das lógicas de poder coloniais na contemporaneidade urbana, pode-se ler o romance *Passageiro do fim do dia* (2010), do escritor brasileiro Rubens Figueiredo, obra que, ao encenar a viagem de ônibus do protagonista, Pedro, para a casa da namorada, Rosane, relata de forma minuciosa os tantos conflitos que atravessam a vivência nas metrópoles contemporâneas. Conflitos que, em diversas passagens, ganham as feições de uma guerra civil<sup>2</sup> permanente, no interior do espaço urbano.

A narração do romance constrói-se tendo como ponto principal a figura do protagonista Pedro, que, ao final do expediente, em uma sexta-feira qualquer, acompanhado por um rádio de pilhas e um livro sobre as viagens de Charles Darwin aos trópicos, espera o transporte coletivo que o levará à casa da sua namorada, na periferia oeste de uma cidade indefinida, sem nome, mas que pode ser identificada como sendo o Rio de Janeiro. De acordo com Darlana Santos e Jacques Fux, *Passageiro do fim do dia* pode ser lido como “um livro confessional, uma jornada de autoconhecimento (do personagem), realizada incansavelmente, a cada viagem, sempre às sextas-feiras, naquele ônibus” (2013, p. 134). Um romance que

trata da urbanidade e de seus habitantes. Imersos em um cotidiano que parece se prolongar *ad infinitum*, os urbanoides – como poderíamos chamar essas pessoas – em diversas situações, como a fila do ônibus, comportam-se de maneira quase robótica, entorpecidos pela rotina da grande cidade (SANTOS; FUX, 2013, p. 133)

---

<sup>2</sup> Em *Stasis* (2015), um dos volumes da série *Homo Sacer*, o filósofo italiano Giorgio Agambem desenha a Guerra Civil como sendo um verdadeiro paradigma político no ocidente. Por sua vez, Éric Alliez e Maurizio Lazzarato, em *Guerras et Capital* (2016), oferecem uma leitura dos conflitos que inflamam a contemporaneidade à luz das articulações entre Guerra Civil, política e economia. A respeito desse texto, veja-se também o ensaio “Estamos em guerra” (2017), de Peter Pál Pelbart.

Com *Passageiro do fim do dia*, Rubens Figueiredo propõe uma maneira de refletir sobre o contemporâneo a partir justamente da geografia urbana, da realidade espacial e social que caracteriza as metrópoles contemporâneas. A viagem no transporte coletivo, que funciona como pano de fundo constante para a obra – o romance abre-se com o protagonista aguardando o ônibus e encerra-se antes de ele descer –, serve também como estratégia narrativa que permite atravessar o espaço geográfico da cidade e as suas diversas realidades sociais, ambos marcados por profundas contradições e desigualdades. Nesse trânsito urbano, de uma ponta a outra da cidade, nesse percurso cotidiano que pertence ao dia a dia, a violência impõe-se como elemento fulcral, abandonando qualquer caráter excepcional para se tornar algo de corriqueiro, de banal.

É uma explosão inesperada de violência urbana que, no romance, quebra a rotina da viagem, obrigando o ônibus a mudar de percurso e os seus passageiros a uma baldeação imprevista, pois como informa o próprio texto:

[...] a empresa deu ordem para nenhum motorista ir até o fim. Não queriam ter mais ônibus incendiados – foi o que disseram. A ordem era desviar e ir deixando os passageiros ao longo da linha do trem. Mas nem mesmo junto da linha do trem o motorista podia passar: tinha de seguir por uma via paralela, a uns quinhentos metros da linha do trem, onde por enquanto parecia mais seguro, alertou o outro. E foi embora. (FIGUEIREDO, 2010, p. 51)

Explosão que, apesar de não ser rotineira, também não pode ser considerada algo de extraordinário, já que, como relata um dos colegas de viagem de Pedro, conflitos abruptos já aconteceram no passado, afetando não apenas o percurso do ônibus, mas os planos, as exigências e o emocional de quem seria obrigado a cruzar-se com eles.

No entanto, se a violência se estabelece como uma constante nessa reflexão sobre o contemporâneo que Rubens Figueiredo tece a partir da vivência da realidade urbana e dos seus espaços – uma violência que, no romance, afeta os corpos e molda as subjetividades –, como ler esses conflitos à luz das dinâmicas e das lógicas do poder permanece, de fato, uma questão em aberto. O romance, por sua vez, concede ao leitor uma série de indícios propícios para tal reflexão.

Indagar o léxico, o vocabulário empregado pelo autor, pode ser uma pista fecunda. Em vários momentos, encontram-se no texto palavras ou expressões que, inseridas em certas circunstâncias específicas, remetem aos contextos e aos conflitos bélicos. Dessa forma, a realidade urbana ilustrada por Figueiredo assume os traços e as conotações típicas dos relatos de guerra. Uma guerra combatida no interior da população, entre grupos identitários (*oikos*) – construídos tendo como base ora a classe social, ora o lugar de residência, ora os hábitos e as maneiras de lidar com as práticas do cotidiano – que, por razões às vezes triviais, se tornam

antagonistas, configurando assim o espaço urbano como *locus* de uma guerra civil permanente.

Um exemplo entre outros tantos pode ser o uso da palavra “estratégia”. Como nos casos dos conflitos bélicos, viver na cidade significa ter que planejar, projetar ou até improvisar constantemente estratégias. Estratégias que no romance configuram-se como sendo de sobrevivência por parte dos indivíduos mais vulneráveis colocados sob rompantes de violências que eles mesmos não esperam e muitas vezes nem entendem. Estratégias pensadas justamente para sobreviver ao dia a dia urbano, necessárias em qualquer circunstância, como, por exemplo, o voltar para casa depois de um dia na escola, na faculdade ou no trabalho:

Tratava-se então de escolher, de calcular a distância, de estimar os apuros de cada caminho, de traçar uma estratégia, por mais precária que fosse – melhor do que nada. Afinal, na hora em que chegassem lá, já estaria de noite, talvez não houvesse luz na rua, os transformadores podiam ter sido incendiados ou destruídos por tiros de fuzil. Isso acontecia, não chegava a ser raro, era mesmo o mais provável nas circunstâncias. Quando se andava no escuro, uma distância mais curta era quase sempre preferível a uma longa – isso se o ônibus pudesse entrar lá, o que não se podia garantir. (FIGUEIREDO, 2010, p. 82-83)

Longe dos passeios ociosos do *flanêur* moderno, andar pela cidade aparece no romance como uma tarefa necessária, obrigatória, porém altamente arriscada. Tarefa que, para ser enfrentada, demanda o planejamento de uma estratégia de ação. Se o léxico aponta, no entanto, para a concepção da realidade urbana como uma guerra civil permanente, é na própria construção da narrativa, nos elementos através dos quais se articula o romance e que de fato compõem o texto, que tal realidade como conflito aparece de forma acintosa, ostensiva, assim como quais são os seus atores potenciais.

No seu estudo “Ler a cidade pela janela de um ônibus” (2013a), Paulo Roberto Tonani do Patrocínio reflete sobre *Passageiro do fim do dia* a partir dos *topoi* que sustentaram a escrita da cidade moderna: as janelas, através das quais os escritores observavam o andar dos passantes a partir de um olhar distanciado, e a rua, o ato dinâmico de passear pelas ruas da cidade que “se converte em depositária de todas as paixões” (GOMES, 2008, p. 37). Nesse último caso, andar pelas ruas traduz um gesto de imersão completa dentro da multidão, uma *multitudo dissoluta*, degradada, subjugada pelo desenvolvimento frenético da metrópole capitalista. Para Tonani, cujas reflexões retomam os estudos de Renato Cordeiro Gomes (2002, 2008) sobre a escrita da cidade, o romance de Figueiredo combina esses dois elementos típicos da literatura moderna:

Por apresentar uma representação do urbano que tem como espaço de observação a janela de um ônibus, é possível apresentar o romance de Rubens Figueiredo como o resultado da combinação das duas matrizes de representação do ambiente urbano. A janela não é mais fixa, se coloca em movimento. No entanto, assume nova orientação e feição. O ato de perder-se na enunciação pedestre, flanando pelas ruas e avenidas, torna-se impossível devido ao trajeto predefinido do ônibus, que impõe ao passageiro um percurso próprio. As duas matrizes de representação urbana formadas na modernidade, a rua e a janela, são repetidas em diferença no romance *Passageiro do Fim do Dia*. (PATROCÍNIO, 2013a, p. 35)

Em *Passageiro do fim do dia*, os fluxos de consciência que constituem a narração costuram-se a partir de três práticas: a descrição atenta e minuciosa da realidade que rodeia o protagonista, vista pela janela do ônibus; as memórias do passado dele; algumas elucubrações e conjecturas desencadeadas pelas contingências.

Três são também os elementos que acionam e despertam a narração, tornando-a fragmentada e aparentemente incongruente – aparentemente pois, apesar de abranger uma miríade de situações e assuntos divergentes, há uma coerência intrínseca no romance ao desenhar o espaço urbano como palco de uma guerra civil permanente: à observação da cidade pela janela, alternam-se a leitura do livro sobre Charles Darwin e, em menor medida, a audição distraída da voz da locutora que provém do radinho de pilhas.

Os sentidos, e em particular o ouvido e a vista, têm enorme relevância. Os fragmentos do cotidiano observados pela janela, os trechos do livro ou as palavras da emissora, como proustianas *madeleines*, acionam as lembranças do passado. De acordo com Renato Cordeiro Gomes ao refletir sobre *Le città invisibili*, de Italo Calvino: “é, portanto, a memória que condiciona a leitura da cidade, uma busca de sentido explícito e reconhecível, que a sociedade moderna já não permite” (GOMES, 2008, p. 46). E é através desses três elementos despertadores de memórias – a janela, o livro e o rádio – que Figueiredo tece a sua reflexão sobre a contemporaneidade urbana como conflito.

No entanto, é pela estrita relação que se estabelece entre a leitura de passagens do livro sobre Charles Darwin e os desdobramentos das memórias e das especulações de Pedro que os conflitos endocoliniais ganham conotações mais tangíveis. A referência intertextual explícita ao cientista inglês, que um século e meio antes tinha atravessado as mesmas latitudes que Pedro percorre de ônibus, obviamente não é casual e tampouco ingênua. Além disso, são justamente as referências intertextuais e as analogias espaciais entre o percurso urbano de Pedro e os caminhos do cientista inglês que permitem pensar a cidade representada em *Passageiro do fim do dia* como sendo o Rio de Janeiro. De fato, é na cidade, e em particular no bairro de Botafogo, que Charles Darwin se hospedou em 1832,



e as reflexões sobre os espaços por ele efetivamente percorridos tem um destaque relevante nos diários do cientista inglês.

As teorias de Charles Darwin são, portanto, fulcrais para a leitura do romance de Rubens Figueiredo. Sabe-se que os pressupostos sobre os quais assentam as análises do inglês – cronologicamente contemporâneas àquele conjunto de teorias e práticas pseudocientíficas conhecidas como “racionalismo científico”<sup>3</sup> – estão estritamente vinculados à ideia moderna de progresso, e que o núcleo central da sua teoria baseia-se em pelo menos dois pontos fundamentais: a presença de exíguas variações orgânicas que acontecem nos seres vivos por causa das influências das condições ambientais e a luta constante pela vida necessária aos indivíduos. Dessas considerações resulta, portanto, que quanto maiores são as variações orgânicas sofridas pelos indivíduos, melhores serão as condições para enfrentar a luta para a vida, aumentando as possibilidades de sobrevivência. A herança desenvolve um papel primordial, pois as variações mantêm-se para as sucessivas gerações, criando um *continuum* entre o presente e as experiências dos antepassados de cada espécie.

Além disso, para Charles Darwin, não haveria distinções entre os animais e os seres humanos a não ser por uma “diferença de grau”, explicável por meio da lei da seleção natural. No entanto, é importante sublinhar que tal proximidade biológica entre homem e animal não afetaria, segundo o cientista inglês, aquilo que ele considera ser a dignidade humana, pois, como afirma ele próprio em *The descent of man, and selection in relation to sex* (2004), numa passagem que exemplifica claramente a visão de mundo eurocêntrica e colonialista do inglês, seria muito mais digno e muito menos vergonhoso ter relações de descendência com um macaco do que com um qualquer selvagem que não conhece o decoro e vive subjugado pelas superstições (DARWIN, 2004).

Apesar de ter se pronunciado várias vezes contra a escravidão e denunciado o genocídio dos povos autóctones perpetrado por parte dos europeus nas então colônias, nessas reflexões e comentários de Darwin, intui-se tanto a herança do pensamento político e moral de Thomas Hobbes, que desenha a *moltitudo* como entregue às “superstições” e a vida no “estado de natureza” como a *bellum omnium contra omnes* – proximidade entre o cientista inglês e Thomas Hobbes que despertou a ironia de Karl Marx<sup>4</sup> que, nas suas correspondências com o amigo Friedrich Engels,

---

<sup>3</sup> Veja-se, a respeito, o volume *Races of Man*, publicado em 1850 por Robert Knox (1791 – 1862).

<sup>4</sup> A coletânea *Evolutionary Writing*, organizada pelo historiador James A. Secord (2009), além de reunir os textos de Charles Darwin, apresenta seções dedicadas aos comentários e às perguntas sobre os textos do cientista por parte do mundo intelectual da época. A seção relativa ao livro *Origin of species* (2009, 105-231) conta com a correspondência entre Karl Marx e Friedrich Engels sobre o assunto. Afirma Marx: “Darwin afirma que ele aplica a teoria ‘malthusiana’ também às plantas e aos animais, como se no caso do Sr. Malthus a teoria não estava sendo aplicado às plantas e aos animais, mas apenas – com sua progressão geométrica – aos humanos, em contraste com plantas e animais. É notável como Darwin redescobre, entre os animais e plantas, a sociedade da Inglaterra, com a

culpa Darwin de ter descoberto nas plantas e nos animais os vícios da sociedade inglesa e do capitalismo – quanto, e sobretudo, a do já mencionado racismo científico, sobre o qual assenta a construção da classificação hierárquica dos povos, supostamente imutável, erguida pelas chamadas “teorias das raças”. A ética liberal conjuga-se, em Darwin, às análises científicas, tomadas como suporte para reforçar os paradigmas sobre os quais assenta o modelo eurocêntrico capitalista. Citando Francisco Bethencourt:

Para Darwin, a igualdade perfeita entre os indivíduos que compunham as tribos da Terra do Fogo havia retardado sua civilização. Os povos governados por monarcas hereditários eram considerados mais capazes de aperfeiçoamento e, entre as raças, as mais civilizadas dispunham dos governos mais sofisticados. Darwin equiparava a igualdade à baixaza: pedaços de tecido oferecidos aos fogueiros foram rasgados em tiras e distribuídos; nenhum indivíduo seria mais rico do que os outros. A propriedade individual, o conceito de superioridade e a acumulação de poder eram noções impensáveis naquele regime tribal, mas para Darwin tais noções eram a base do aperfeiçoamento. A comparação entre os “selvagens” e os “bárbaros” que Darwin encontrou durante a sua viagem à volta do mundo sublinha a sua hierarquia. (BETHENCOURT, 2018, p. 399)

É a partir das reflexões do cientista inglês, ampliadas para abranger também as ciências sociais, que irá se impor dentro do contexto positivista o chamado “darwinismo social”, como uma justificação às discriminações de caráter racista e classista, tendo como base a distinção entre forte e débil, entre adaptados e não adaptados.

Em *Passageiro do fim do dia*, a referência intertextual constante à figura e ao pensamento de Charles Darwin oferece uma perspectiva cativante para pensar a contemporaneidade urbana como uma luta incessante pela vida. Uma luta que toma

---

sua divisão de trabalho, concorrência, abertura de novos mercados, ‘invenções’ e ‘luta malthusiana pela existência’. Essa visão é a *bellum omnium contra omnes* de Hobbes e é uma reminiscência da *Fenomenologia* de Hegel, na qual a sociedade civil figura como um «reino animal intelectual», enquanto, em Darwin, o reino animal figura como uma sociedade civil.” (*apud* DARWIN, 2009, p. 222, tradução nossa).

“I’m amused that Darwin, at whom I’ve been taking another look, should say that he also applies the ‘Malthusian’ theory to plants and animals, as though in Mr Malthus’s case the whole thing didn’t lie in its not being applied to plants and animals, but only – with its geometric progression – to humans as against plants and animals. It is remarkable how Darwin rediscovers, among the beasts and plants, the society of England with its division of labour, competition, opening up of new markets, ‘inventions’ and Malthusian ‘struggle for existence’. It is Hobbes’ *bellum omnium contra omnes* and is reminiscent of Hegel’s *Phenomenology*, in which civil society figures as an ‘intellectual animal kingdom’, whereas, in Darwin, the animal kingdom figures as civil society.” (*apud* DARWIN, 2009, p. 222).

as feições de uma Guerra Civil permanente, representada pela alusão insistente, no romance, à imagem do “combate memorável” (FIGUEIREDO, 2010, 24) entre uma vespa (*Pepsis*) e uma aranha (*Lycosa*). A contenda não vê contrapostos apenas dois grupos, mas dissemina-se na cidade abrangendo toda a população, como no caso das hostilidades entre os dois bairros vizinhos, o Tirol e a Várzea, ambos periféricos. O que está em jogo, no entanto, parece ser sempre a manutenção de um suposto privilégio perante uma ameaça real ou imaginada.

Na época em que os lotes foram entregues e os moradores vieram instalar-se, o Tirol só tinha uma via de acesso. De um lado, o bairro era bloqueado pelas linhas do trem, cercadas por muros altos. Atrás, era isolado por uma vasta área de mata de brejo com mais de cinquenta quilômetros quadrados chamada Pantanal. [...] Portanto no início o único acesso para o Tirol era através da Várzea – um bairro maior, mais populoso, mais antigo. Pobre também, mas ainda assim com certos recursos que o bairro novo não tinha. Ou seja, tinha um posto de gasolina, três farmácias, duas padarias e três escolas. O ônibus fazia ponto final ali. Não havia outro jeito: para entrar e sair do Tirol era preciso cruzar a Várzea quase de ponta a ponta. A imagem daquela gente que de uma hora para outra começou a percorrer as ruas com suas mobílias e seus pertences – gente que parecia vir às pressas e em fuga, e todos ao mesmo tempo –, a presença à força de pessoas que eles não chamaram, não conheciam, não queriam ali – acabou formando nos moradores da Várzea a ideia de que aquela gente vinha para prejudicar, vinha para desvalorizar a vizinhança de algum jeito, para degradar o bairro todo. Ou, quem sabe, até coisa pior. (FIGUEIREDO, 2010, p. 38-39)

A luta para a manutenção de privilégios manifesta-se no romance de forma ainda mais nítida em uma passagem na qual Pedro se lembra da conversa entre uma jovem juíza e um juiz aposentado, ocorrida dentro da loja de livros usados da qual Pedro é proprietário. O juiz, professor emérito, é um cliente habitual da pequena livraria e foi ele mesmo que um dia tinha tirado o livro sobre Darwin de uma bancada da loja. Pela descrição que Pedro oferece, o juiz aparece como uma figura paradigmática, completamente moldada e construída pelos privilégios de gênero, raça e classe que atravessam o modelo patriarcal eurocêntrico, assim como pelo desprezo ao trabalho manual, que remete diretamente aos contextos marcados pela experiência da escravidão:

Pedro sabia que o ex-juiz ia muito à sua livraria não só porque gostava de livros velhos e porque ali conversava com gente conhecida. Além desses motivos, a esposa agora o aborrecia muito em casa, o ex-juiz não aguentava ficar lá e saía, andava pela cidade. Tinha casado com uma aluna. Risonha, alegre, não era

boa nos estudos, mas aos poucos o juiz passou a ajudá-la nas notas. Formada, começou a trabalhar como advogada num serviço de defensoria gratuita. Logo depois do casamento, porém, ficou claro que o juiz preferia ter a esposa à disposição dentro de casa. Por meio de amigos, arrumou um emprego para a mulher num tribunal. O importante, no caso, era que ela recebia o salário sem nunca precisar comparecer ao trabalho. E assim foi, até ela se aposentar, havia alguns anos. Em casa, o juiz nunca lavava um copo, não pendurava uma roupa no cabide. Qualquer coisa que usava e pegava, deixava onde estivesse para que a mulher ou alguma empregada guardasse. Tudo o que queria, mesmo que estivesse a dois passos e bastasse ele se levantar para pegar, pedia em voz alta que a esposa viesse apanhar e lhe desse na mão[...]. Estipulava uma quantia mensal para a esposa gastar com a casa e os filhos, sentia-se no direito de ficar furioso quando aquele valor era ultrapassado e gostava de mostrar para os amigos como era rigoroso no seu regime doméstico. Ao mesmo tempo sempre emprestava dinheiro aos amigos, sobretudo para aqueles que não lhe pagavam. (FIGUEIREDO, 2010, p. 129)

Por sua vez, a jovem juíza, que tempos atrás tinha sido aluna do colega aposentado, aparece como uma figura completamente oposta. Uma figura dissonante em relação ao modelo representado simbolicamente pelo juiz.

Ela era solteira, não tinha filhos e, em regra, namorava advogados, defensores públicos e promotores, mesmo se fossem casados. Isso e sua reputação de possuir um saber jurídico extraordinário e de defender ideias modernizadoras demais na esfera penal davam margem a comentários às vezes desagradáveis, que Pedro já ouvira na livraria (FIGUEIREDO, 2010, p. 125)

A conversa entre os dois desdobrou-se a partir de um comentário do juiz sobre o fato de a juíza precisar, supostamente, de maior segurança pessoal, devido à enorme quantidade de pessoas que deveria ter mandado para a cadeia. A oposição da juíza, que exprime uma visão completamente diferente em relação à população carcerária da que aparece nas palavras do colega aposentado, não inibe o raciocínio dele, que, em uma passagem de destaque do romance, afirma:

— Mais dia, menos dia, eles vão dar cabo de todos nós – emendou o juiz de repente bufando entre os lábios finos e cinzentos. – Vão nos perseguir dentro de casa, na rua, com pistolas e pedaços de pau. Não vamos ter onde nos esconder, nenhum lugar para fugir. Nem na cidade, nem no campo, nem mesmo debaixo da terra. Ninguém vai vir em nossa defesa. Nessa altura, os aeroportos estarão fechados para nós, nenhum outro país vai admitir nos receber. Seremos uns dois ou três milhões de pessoas. O resto, a escória, uma onda migratória mais

do que indesejável, os portadores da catástrofe. Todos vão querer que sejamos liquidados o mais depressa possível, para poder esquecer logo o assunto. Meus dois filhos já moram no exterior, regularizados, a senhora os conheceu na faculdade, lembra? (FIGUEIREDO, 2010, p. 126)

As palavras do juiz traduzem uma concepção da realidade que demonstra uma luta permanente entre os detentores do poder – os justos, representantes da ordem, do avanço social e do progresso – e a multidão que, por sua vez, tomada pela luta pela vida, ansiaria alcançar a posição na hierarquia social e os privilégios da classe dominante. Aos juízes, representantes do poder judiciário, da força coercitiva da lei, contrapõe-se, na visão da personagem de Figueiredo, a *dissoluta multidão*, designada como “o resto”, “a escória”, os “portadores da catástrofe”. São esses os atores de uma constante guerra civil combatida por forças desiguais dentro do espaço urbano das metrópoles contemporâneas.

Dentro dessa luta pela vida, pela hegemonia de alguns e pela sobrevivência de outros, os indivíduos que constituem o tecido social urbano podem ser divididos, tendo sempre as reflexões de Darwin como pano de fundo, entre adaptados e não adaptados. No seu artigo “Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo” (2013b), Paulo Roberto Tonani do Patrocínio aborda a temática a partir, entre os tantos exemplos, de uma figura em particular que “se destacava por sua não adaptação ao espaço” (2013b, p. 98). Trata-se de uma amiga de infância de Rosane, uma ex-colega da escola, que, por um brevíssimo período – poucas horas antes de ela mesma abandonar o emprego – , trabalhou no mesmo escritório de advocacia que empregava também a própria Rosane. Lê-se no romance:

A moça nada tinha de raro ou de anormal, na verdade. Só que nem por isso o susto foi menos forte ou menos lembrado. Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom pastel, [...] ali, sua vizinha e amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. A moça falava rápido demais, num tom sempre alto, estridente. Cortava tantos pedaços das palavras que às vezes algumas pessoas menos habituadas demoravam a compreender o que dizia, ou nem entendiam mesmo. [...] Ria muito, ria com toda a força do pulmão, ria com uma alegria feita de músculos, de suor. (FIGUEIREDO, 2010, p. 60-61)

Os “não adaptados” à experiência urbana são, portanto, todos os que se encontram à margem do capital, corpos não disciplinados, como é o caso da amiga de infância de Rosane. Ao lado dessas figuras há ainda toda aquela enorme massa de indivíduos que, como evidencia o romance, apesar de ter introjetado o *modus vivendi* adequado para “competir” na caça aos recursos financeiros necessários

para sobreviver à metrópole contemporânea, habitam posições subalternas tanto na geografia urbana quanto nas dinâmicas de classe que atravessam o âmbito ocupacional:

Rosane não parava de inventar planos. Na maioria, a respeito de cursos que ela ia fazer, depois de concluir o ensino médio. Havia obstáculos por todos os lados. Ela trabalhava em horário integral e, para estudar, só restavam as noites e os fins de semana. Ia precisar de dinheiro para fazer a maioria daqueles cursos [...] Rosane ficava o dia inteiro para lá e para cá, dentro e fora do escritório, em troca de um salário que era pouco mais do que nada, quase que só o suficiente para pagar a comida, o transporte e alguma roupa. (FIGUEIREDO, 2010, p. 182-183)

Para concluir, Rubens Figueiredo, nas páginas de *Passageiro do fim do dia*, constrói uma estrita ligação entre os pobres de hoje e os indivíduos escravizados de ontem, da época pré-abolição, ligação que passa principalmente pelas contínuas referências às teorias e à figura de Charles Darwin. De fato, a escravidão e as reflexões do cientista sobre os indivíduos que sofreram na própria pele tal experiência desumanizante, frequentemente citadas no romance de Figueiredo, foram assuntos que tiveram certa relevância no pensamento de Darwin, um abolicionista criado no interior de uma família abolicionista:

[...] não obstante, a falta de empatia de Darwin em relação aos selvagens não abalou as suas convicções abolicionistas. Darwin expressou a sua indignação quando se deparou com a crueldade diária contra os escravos no Rio de Janeiro, onde viu os instrumentos usados para torturá-los, ouviu os gritos dos escravos sendo castigados e, em várias ocasiões, interveio para deter novos sofrimentos. Para ele a escravatura era o rebaixamento de toda uma sociedade [...]. (BETHENCOURT, 2018, p. 400)

Tal relevância foi brilhantemente captada por Rubens Figueiredo, que, em *Passageiro do fim do dia*, dedica amplos comentários aos relatos do cientista a respeito do tema e às sensações contraditórias deste ao se cruzar, no Rio de Janeiro, com sujeitos que foram desprovidos de qualquer forma de liberdade.

Nas reflexões e nas memórias de Pedro, desenvolvidas ora a partir de uma imagem do cotidiano, ora tendo como base trechos do livro sobre o cientista que relatam do encontro de Darwin com o contexto escravista brasileiro, impõe-se a percepção da continuidade nas dinâmicas de exploração dos corpos. Desenha-se assim, igualmente, uma linha contínua que aproxima, sem substanciais rupturas, os escravizados de um passado não muito remoto aos pobres de hoje em dia, ambos envolvidos em uma realidade profundamente hostil, que os via e os vê apenas como ferramentas para produzir mais-valia, tal e qual objetos desprovidos de humanidade.

Dessa forma, em *Passageiro do fim do dia*, ao encenar um cotidiano urbano como teatro de uma guerra civil permanente, onde violências microfísicas se combinam com agressões diárias sobre os corpos – corpos que levam consigo mutilações e cicatrizes sintomáticas de uma realidade em conflito –, e, ao fazê-lo, estabelecendo uma ponte entre a época escravista e a atualidade urbana, Figueiredo aponta para uma marca fundamental da ação endocolonial contemporânea. Isto é, a persistência das dinâmicas de poder que caracterizaram o período colonial, que no caso americano teve no cerne a experiência da escravidão. Persistências essas funcionais para a manutenção das relações de hegemonia e subalternidade, pois inibem tanto a inserção do outro, o marginalizado, dentro do modelo preestabelecido – propiciando-lhe apenas uma espécie de inclusão desigual que tem como base a subalternidade – quanto a possibilidade de existir fora das relações de produção e consumo sobre as quais assenta a vida na metrópole contemporânea.

FAZZINI, L. Urban contemporaneity and endocolonial violence: reflections around *Passageiro do fim do dia*, by Rubens Figueiredo. **Itinerários**, Araraquara, n. 52, p. 187-202, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *According to the studies of the geographer David Harvey (2014) and of the sociologist Loïc Wacquant (2001), violence would appear to be a key element to analyze the spatial and geographical organization of contemporary metropolises. This violence is intrinsic to capitalist development, which underlies urban expansion, and would be closely tied to the past of each specific context, highlighting the persistence of the exclusionary paradigms that characterized the colonial era. In this perspective, starting from the analytical reading of the novel *Passageiro do fim do dia*, by Rubens Figueiredo, and through a postcolonial critical approach, this article proposes a reflection on the endocolonial nature of contemporary urban violence.*

■ **KEYWORDS:** *Postcolonial studies. Urban violence. Brazilian literature. Rio de Janeiro.*

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Stasis: la guerra civile come paradigma politico**. Torino: Bollati Boringhieri, 2015.

ALLIEZ, Éric; LAZZARATO, Maurizio. **Guerres et capital**. Paris: Éditions Amsterdam, 2016.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: das cruzadas ao século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- DARWIN, Charles. **The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex**. James Moore, Adrian Desmond, Eds. London: Penguin Classics, 2004.
- DARWIN, Charles. **Evolutionary Writing**. James A. Secord Ed. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- DOMINGOS, Nuno; PERALTA, Elsa. (Orgs.). **Cidade e império**: dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2013.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FIGUEIREDO, Rubens. **Passageiro do fim do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GOMES, Renato Cordeiro. Modos narrativos e impossibilidade da experiência. **Revista Margens**, Belo Horizonte/Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 90-95, 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HARVEY, David. **Paris, capital of modernity**. New York: Routledge, 2003.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes**. São Paulo: Martin fontes, 2014.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Ler a cidade pela janela do ônibus. **Brasil**, Porto Alegre, v. 26, p. 27-45, 2013a.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Os (não) adaptados: a experiência urbana na obra de Rubens Figueiredo”. **Letterature d’America**, Roma, Anno XXXXIII, n. 145, p. 85-103, 2013b.
- PELBART, Peter Pál. **Estamos em guerra**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- SANTOS, Darlana; FUX, Jacques. A dramaticidade urbana em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. **Frontieraz**, São Paulo, n. 11, p. 130-141, 2013.
- THEODORE, Nik; PECK, Jamie; BRENNER, Neil. Neoliberal urbanism: cities and the rule of markets. *In*: BRIDGE, Gary, WATSON, Sophie. **The city**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011. p. 15-25.
- WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**. Trad. João Roberto Martins Filho. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

